

DESENVOLVER A BILINGUALIDADE: FOCO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE E DO ENSINO DE LÍNGUAS

Ana Claudia Peters Salgado¹

Fernanda Henrique Dias²

RESUMO

Bilinguismo e bilingualidade são dois conceitos de grande importância para a sociolinguística e, principalmente, para as teorias de ensino-aprendizagem de línguas. Todavia, apesar da extrema importância desses conceitos (ou mesmo por conta dessa importância) não há consenso a respeito da definição dos mesmos. No presente artigo propomos uma definição para os mesmos, pautada em questões de cunhos linguísticos e educacionais, de forma que o ensino de línguas possa se beneficiar dessa discussão. Apresentamos aqui o bilinguismo como uma situação social na qual duas ou mais línguas estão em contato e, bilingualidade, como a expressão individual do bilinguismo. Essa perspectiva nos permite considerar que cada indivíduo possui um grau de bilingualidade que é mutável e dinâmico de acordo com as situações de bilinguismo que lhe são apresentadas. Isso quer dizer que a manifestação da bilingualidade está diretamente relacionada às necessidades apresentadas pelos contextos. Assim, em dados contextos é útil e produtiva a mistura de códigos para se atingir os objetivos comunicacionais pretendidos; enquanto que em outros contextos (como no caso de um indivíduo bilíngue em conversa com um indivíduo monolíngue) a mistura não terá o mesmo valor. Propomos, dessa forma, que o ensino de línguas leve em consideração esses conceitos, antes de impedirem os alunos de se expressarem, pelo simples fato de não saberem ainda a língua que se propuseram a estudar. É necessária a criação de um ambiente bilíngue nas aulas de línguas, de forma que a bilingualidade dos alunos possa ser respeitada.

Palavras-chave: Bilinguismo. Bilingualidade. Ensino de línguas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a discutir a educação bilíngue e o ensino de línguas a partir do ponto de vista da bilinguagem. Esse conceito será apresentado aqui como o aspecto dinâmico, mutável e individual de uma situação de bilinguismo. Um dos propósitos da educação bilíngue e do ensino de língua estrangeira ou segunda língua é desenvolver no aprendiz a sua condição de bilíngue.

Todavia, quando as pessoas usam o termo “bilíngue” imaginam alguém que fala duas línguas perfeitamente, conforme lembra Valdés (apud HEYE, 2001, p. 37). Geralmente, imaginam que essa pessoa sabe falar, compreender, ler e escrever as duas línguas no nível mais alto de desempenho. Também será discutida aqui essa questão.

Por muito tempo o “bilíngue” era considerado como “exótico”. Ultimamente, porém, os pesquisadores (GROSJEAN, 1982; BAKER, 1993; GARCÍA, 2009) que investigam comunidades bilíngues e multilíngues no mundo têm favorecido uma definição que vê o bilinguismo como uma condição humana comum, possibilitando ao indivíduo operar, em algum nível, em mais de uma língua. A expressão que melhor resume essa definição muito ampla e inclusiva de bilinguismo é “*mais de uma*”.

É esse o ponto de partida deste estudo. Bilinguismo quer dizer situação em que coexistem mais de uma língua. Bilíngue é o indivíduo que pode utilizar, em algum nível, mais de uma língua.

1. QUEM É O BILÍNGUE?

Sempre ouvimos falar de pessoas que falam duas ou mais línguas. Para Myers-Scotton (2006) dois fatos sociolinguísticos podem ser inferidos nesses casos. Fato 1: que as pessoas falam mais de uma língua porque uma segunda língua (ou terceira, ou quarta, etc.) desempenha um “trabalho social” importante para elas. Myers-Scotton (2006, p. 37) afirma que:

Quando os falantes adicionam uma outra língua aos seus repertórios, eles quase sempre o fazem por uma razão – porque aquela língua será útil a eles em suas comunidades, ou em uma outra comunidade à qual eles pretendem se juntar. Quer dizer, não são muitas as pessoas que adquirem uma outra língua só pelo “prazer” de fazê-lo.

Fato 2: que, apesar de nos referirmos ao repertório linguístico de uma dada comunidade como sendo composto por todas as variantes lá faladas, nem todas as pessoas dessa comunidade falam as mesmas variantes, ou seja, os indivíduos têm repertórios linguísticos individualizados. Esses repertórios linguísticos individualizados são desiguais entre si porque, simplesmente, as pessoas raramente usam duas línguas em exatamente as mesmas situações.

Isso nos leva a uma outra questão: o bilinguismo “equilibrado”. Quer dizer, são poucas as pessoas bilíngues que manifestam as suas línguas igualmente porque ou adquiriram uma língua mais completamente que a outra, ou porque usam uma língua mais frequentemente que as suas outras que, certamente, foram adquiridas em graus variados.

Nessa perspectiva, Valdés (apud HEYE, 2001, p.38) argumenta que o indivíduo bilíngue não é necessariamente “ambilíngue” (tendo competência nativa em duas línguas), mas um bilíngue de um certo tipo específico que, junto com outros bilíngues de muitos outros tipos, pode ser classificado ao longo de um contínuo. Alguns bilíngues possuem altos níveis de desempenho em ambas as línguas nas modalidades orais e escritas. Outros mostram

desempenhos variáveis na compreensão e/ou na habilidade oral, dependendo da área de experiência imediata em que devem usar as duas línguas.

Seguindo ainda nessa perspectiva, admite-se entre os bilíngues também aqueles indivíduos que podem compreender ou produzir enunciados falados ou escritos em qualquer grau em mais de uma língua. Assim, pessoas que sabem ler uma segunda língua (por exemplo, francês), mas não sabem falar essa língua, são consideradas bilíngues de um certo tipo e colocadas num ponto extremo do contínuo. Essas pessoas são consideradas como tendo uma competência receptiva numa segunda língua e como sendo ‘mais bilíngues’ do que monolíngues, já que o ‘monolíngue’ dispõe de habilidades receptivas ou produtivas somente em sua primeira e única língua. A avaliação aqui é comparativa: monolinguismo total em oposição ao menor grau de habilidade para compreender uma língua.

Assim, conforme discutido anteriormente, as várias tentativas de definir bilinguismo falharam por não apreenderem o caráter dinâmico (SAVEDRA, 1994) que tão bem caracteriza esse fenômeno. Dizer que o bilíngue é a pessoa que fala duas ou mais línguas com a habilidade de um falante nativo exclui a grande maioria dos bilíngues.

A primeira tarefa sobre a qual devemos nos debruçar é identificar “quem decide que alguém é um bilíngue”. As pessoas podem se identificar como bilíngues, mas será que isso corresponde à verdade? Vale lembrar que “verdade” aqui deve ser tomada como a condição que satisfaz os critérios e exigências da situação (ou evento) social em questão. Ou, ainda, outras pessoas podem querer avaliar o quão bilíngue alguém é, com propósitos profissionais, por exemplo. Essa avaliação pode ser absoluta ou gradiente.

Nesse caso, antes de identificarmos o bilíngue, precisamos identificar o contexto em que se manifesta esse bilinguismo e quais os aspectos relevantes àquele contexto devem ser levados em conta para a identificação do indivíduo bilíngue. Assim, parece-nos ser do escopo da Sociolinguística a identificação de indivíduos bilíngues porque estuda o uso que as pessoas fazem das línguas e como esse uso está ligado a fenômenos sócio-culturais.

Segundo Myers-Scotton (2006, p. 37), “todos os falantes de La³ (falantes nativos de uma língua), de pelo menos inteligência mediana, possuem igual competência na fonologia, na morfologia e na sintaxe de sua La, ainda que os tamanhos de seus vocabulários possam variar”. Mas, segundo essa autora, um falante de Lb pode certamente mostrar mais habilidade em um ou dois desses sistemas. Principalmente em relação à fonologia de Lb, responsável por explicitar a desigualdade entre os falantes dessa língua como La para alguns e Lb para outros. “Poucas pessoas que aprendem ou adquirem uma segunda língua mais tardiamente, após a infância, dominam plenamente o sistema sonoro de sua Lb, mas podem falar com muita fluência e ter um extenso vocabulário” (MYERS-SCOTTON, 2006, p. 39).

Então, como dizer se um falante é proficiente ou não se suas habilidades não são as mesmas em todos os sistemas? Se considerarmos a morfologia e a sintaxe de uma Lb, um bilíngue pode ter um bom controle de categorias gramaticais específicas, mas não de outras. Isso aponta para a fluidez, o dinamismo e o caráter inconstante da forma de expressão individual do bilinguismo que é a **bilingualidade**.

2. BILINGUISMO E BILINGUALIDADE: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E DIFERENÇAS IMPORTANTES

A questão de como definir bilinguismo ou multilinguismo tem sido discutida por pesquisadores durante muito tempo (Cf. SAVEDRA, 1994; SALGADO, 2008). Do ponto de vista sociopolítico, bilinguismo envolve “Línguas em Contato”, ou seja, é um fenômeno

performativo, não é um fenômeno de língua propriamente, ou das línguas envolvidas nesse contato, mas do uso que um indivíduo faz dessas línguas. Dessa forma, e devido à agentividade desse indivíduo que faz uso das línguas por ele apropriadas, podemos pensar em bilinguismo como instrumento de ideologia política e cultural, e não uma manifestação estritamente linguística.

Grosjean (1982) estima que cerca da metade da população do mundo é bilíngue, ou seja, não se trata de fenômeno excepcional. É, na verdade, um fenômeno comum, mas que, como afirma Savedra (1994, p. 20) envolve uma “complexa relação psicológica, linguística e social”. Em outras palavras, bilinguismo é um fenômeno interdisciplinar. Bilinguismo, ainda segundo Savedra, está ligado ao biculturalismo. A própria discussão acerca dos conceitos “bilinguismo” e “bilingualidade” denota a complexidade desse fenômeno.

Os primeiros estudos sobre bilinguismo tratam desse fenômeno como se fosse um fenômeno absoluto. Surgem propostas teóricas e metodológicas que divergem em suas classificações e definições do que seja “competência linguística”, domínio e função de uso das línguas, e apresentam diferentes tipos e conceitos de bilinguismo. Heye (2003) propõe a análise do bilinguismo como fenômeno relativo “buscando um posicionamento claro quanto à situação do bilíngue, levando em consideração o ambiente e as condições onde o bilinguismo se desenvolve”.

Ainda segundo Heye (2003), os estudos isolados sobre bilinguismo “começam a escassear com o trabalho de Mackey (IN: FISHMAN 1968), onde fica reconhecida a necessidade de análise do bilinguismo numa perspectiva interdisciplinar, a fim de que se possa compreender a complexa relação psicológica, linguística e social do bilinguismo”. Surgem, então, estudos em nível ‘macro’, com a integração de outras disciplinas (Psicolinguística, Neurolinguística, Sociolinguística, e Linguística Aplicada). Na área de Psicolinguística afloram os estudos quanto à relação linguagem e pensamento e os questionamentos acerca das teorias de aquisição da linguagem.

De acordo com Kelly (1969), quando o bilinguismo entra na atividade humana, os problemas não são somente linguísticos (ou sociais, ou psicológicos); eles podem interessar a muitos campos do conhecimento humano. Quando o bilinguismo “entra nas atividades do homem” estamos falando de **bilingualidade**. Por estar relacionada às atividades humanas, “a condição de bilíngue se modifica na trajetória da vida dos indivíduos e assume diferentes contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas” (SAVEDRA, 1994). Assim, temos que tomar o bilinguismo em sua expressão particular nos indivíduos bilíngues de forma dinâmica.

Emprestamos de Savedra (1994) a distinção que faz: **bilinguismo** é a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação; e **bilingualidade** diz respeito aos diferentes estágios⁴ de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngues, passam na sua trajetória de vida. Assim, as questões descritivas e teóricas sobre bilinguismo, propostas por Romaine (1995), que dizem respeito à competência, fluência, empréstimo, interferência, dentre outros aspectos, se atualizam a cada manifestação da bilingualidade.

Definitivamente, o estudo do bilinguismo pode ser considerado dentro do escopo da Sociolinguística uma vez que seu foco está também no que Hymes (1972) chamou de **competência comunicativa**, e por considerar o ambiente e as condições onde o bilinguismo se desenvolve, além do contexto e idade de aquisição, e variação de uso das línguas. Ou seja, os sociolinguistas têm que lidar com problemas que envolvem a desigualdade no uso da língua.

Dessa forma, Hamers & Blanc (1995, p.14) apropriadamente discutem a dificuldade de operacionalização de conceitos como *competência linguística* e *competência comunicativa*:

muitos aspectos estão aí envolvidos (pronúncia, gramática, vocabulário) e quaisquer testes utilizados na tentativa de medir essa competência privilegiaram até então um único aspecto.

3. O ENSINO DE LÍNGUAS HOJE E O FOCO NA BILINGUALIDADE

Para não entrar nas discussões sobre diferenças entre ensino de língua estrangeira, ensino de segunda língua, e educação bilíngue, porque esse não é o objetivo aqui, trataremos de diferenciar duas situações básicas de desenvolvimento de contextos bilíngues que são importantes para ancorar essa proposta: o contexto não escolar (situações de contato linguístico social, profissional ou religioso) e o contexto escolar (situações de contato linguístico criadas pelo ambiente escolar, mais propriamente a sala de aula).

As situações de contato linguístico que acontecem propositalmente em uma sala de aula, ou nas diversas salas de aula espalhadas pelo mundo, na verdade buscam a mesma coisa: fazer com que o aprendiz se torne um indivíduo bilíngue, em algum grau.

Isso se dá nos cursos livres de ensino de idiomas quando, independentemente da abordagem ou metodologia usadas, “ensinam uma outra língua” a quem busca esse conhecimento com os mais diferentes propósitos. Nesse caso estamos falando de pessoas que querem aprender uma língua para suprir uma necessidade específica com a oralidade ou a leitura, por exemplo, ou para tentar chegar à proficiência nessa língua (e aqui poderíamos abrir espaço para nova questão: o que é a proficiência linguística?).

As salas de aula de escolas bilíngues também têm a preocupação de desenvolver a condição de bilíngues em seus aprendizes. Mesmo quando essa escola tem como objetivo ensinar somente na “outra” língua que não a do aprendiz. Ainda assim, ao se afastar de sua(s) língua(s) primeira(s) para adicionar mais uma ao seu repertório, esse aprendiz não suprime uma para dar lugar a outra. É provável que ele até faça mais uso da língua que está sendo adicionada naquele contexto formal, mas certamente em outros contextos informais que frequente ele fará uso de sua(s) língua(s) primeira(s).

Portanto, se o objetivo da educação bilíngue e do ensino de línguas é tornar o indivíduo bilíngue, então o foco de ambos deve ser o desenvolvimento da bilingualidade e não do bilinguismo. Em outras palavras, desenvolver no aprendiz suas condições individuais de uso das línguas que se dispõem em seu repertório.

4. O QUE ENTENDEMOS POR “DESENVOLVER A BILINGUALIDADE”?

Se bilingualidade é a expressão individual de uma situação de bilinguismo e bilinguismo, como já discutido, envolve contato linguístico com posicionamento político e cultural, então, desenvolver a bilingualidade é, além de desenvolver os aspectos linguísticos das línguas em contato, desenvolver também os aspectos políticos e culturais dessas línguas.

O que queremos dizer é que quando “ensinamos” uma língua, usando qualquer metodologia ou abordagem, ensinamos também, ou deveríamos ensinar, as condições políticas e culturais envolvidas com o “falar essa língua”, “usar essa língua”.

É importante deixar claro que sabemos que estamos falando de personalização do ensino de línguas. Sim, pois se o foco do ensino de línguas passa a ser o desenvolvimento da bilingualidade e, se bilingualidade é pessoal, numa sala de aula de quinze alunos, teremos quinze bilingualidades em constante interrelação. Na verdade, dezesseis bilingualidades, no mínimo, interagindo linguisticamente, politicamente e culturalmente: quinze bilingualidades dos quinze alunos somadas à bilingualidade do professor.

Todas igualmente em desenvolvimento pelo contínuo aprendizado e todas em constante mutação. Assumimos também que o desenvolvimento e a aprendizagem não estão ligados apenas à sala de aula, mas também aos diversos contextos em que se apresentam as duas línguas (como no caso das músicas, filmes, conversas na internet, nos quais as pessoas têm a oportunidade de não só ouvir, mas também usar os dois ou mais repertórios linguísticos que possuem). Daí que a Educação Bilíngue tenha como objetivo geral “o uso de duas línguas para educar de forma ampla, significativa, justa e visando a tolerância e a apreciação da diversidade” (GARCIA, 2009, p.6). É na criação de um ambiente bilíngue, que podemos favorecer o exercício da bilingualidade dos alunos, dando a eles oportunidades de se expressarem nos repertórios linguísticos que possuem. O próprio contato linguístico será agente motivador para o exercício da bilingualidade e, por consequência, agente impulsionador de novas aprendizagens linguísticas.

No entanto, cabe ressaltar que a criação de um ambiente bilíngue não pressupõe o impedimento de uso da “Língua Materna” ou de qualquer outra língua. Ele pressupõe o respeito à diversidade e à liberdade dos educandos, a aceitação das experiências dos alunos como motivação para a aprendizagem, e a inserção de questões culturais e políticas que estão diretamente relacionadas às questões linguísticas.

O nível de proficiência linguística será improved na medida em que as pessoas tiverem oportunidades de contato e de uso dessa língua, nas diversas situações de vida. Daí que torna-se também importante respeitar as diferenças no nível de proficiência, já que poderá ser atribuída também às vivências extra- escolares. Como afirma de Houwer (2009, p. 70), “depende-se muito das variações nos contextos de aprendizagem bilíngue” já que, muitas vezes, pessoas que têm grande conhecimento de mais de uma língua não têm oportunidades de colocá-las em uso e, com isso, seu grau de proficiência altera, em relação a momentos em que mantêm contato com ambientes bilíngues.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de línguas em geral, mas principalmente no Brasil, há muito tem se pautado em abordagens variadas, que levam para a sala de aula desde os processos tradutórios como forma de aprendizagem de línguas, até ao extremo do desenvolvimento da comunicação como foco. No entanto, as abordagens existentes estão pautadas em conceitos de língua que ainda consideram que a mistura de códigos (code-mixing) ou a interferência entre línguas, como uma “falha” na aprendizagem da Lb, sem antes levar em consideração os contextos bilíngues nos quais essa mistura ou interferência ocorre. Assim, muitos cursos de línguas ou escolas passam a considerar a sala de aula de língua estrangeira como um arredoma, dentro do qual só aquela outra língua (muitas vezes nem um pouco conhecida pelos alunos) pode ser utilizada. Esse processo afronta a capacidade de expressão do aluno que, por não dominar o código em questão acaba por se sentir desestimulado a expor suas ideias e opiniões.

Não queremos com isso afirmar que os alunos devem poder usar o tempo todo a língua que o faz se sentir mais a vontade. Queremos sim ressaltar a necessidade de se criar um ambiente bilíngue, que respeite e estimule as diversas bilingualidades que convivem em sala de aula, dando aos alunos a oportunidade de manifestarem suas bilingualidades. Esse respeito à bilingualidade pode levar também a um respeito humano mútuo, já que estimula o respeito às diversidades culturais, sociais e políticas que estão relacionadas a cada repertório linguístico. Daí que, estudar e compreender uma língua não pode ser considerado apenas como um processo de aquisição gramaticais que, não deixam de ser úteis, mas também não solucionam problemas comunicacionais que muitas vezes enfrentamos simplesmente pelo

desconhecimento de costumes e hábitos de cada povo (ou grupo) que utiliza a língua em questão.

O ensino de línguas deve buscar coerência de conceitos linguísticos e pedagógicos, de forma que a união desses campos de aprendizagem possa ser proveitosa tanto para professores quanto para alunos.

DEVELOPING BILINGUALITY: BILINGUAL EDUCATION AND LANGUAGE TEACHING

ABSTRACT

Bilingualism and bilinguality are two concepts of great importance for sociolinguistics and mainly to the theories of language teaching and learning. In spite of their importance (or because of it) there is no agreement concerning their definition. In this paper we propose a definition for them based on issues related to linguistics and educational matters, so that language can benefit from this discussion. We introduce bilingualism as a social situation in which two or more languages are in contact and bilinguality as an individual expression of bilingualism. From this point of view we consider that each individual has a degree of bilinguality which is instable and dynamic according to the situation of bilingualism they are inserted. That means that bilinguality is directly related to the needs imposed by the contexts. Thus, in certain contexts code-mixing is a productive resource to achieve communicative aims; while in other contexts (as when a bilingual is talking to a monolingual) code-mixing would not be so relevant. So, we propose that language teaching should take into account such concepts, instead of preventing students from expressing themselves just because they still not know the language they are learning. A bilingual environment in language classes should be observed in order to give way to students' bilinguality.

Keywords: Bilingualism. Bilinguality. Language teaching.

NOTAS

- ¹ Doutora em Letras – Estudos da Linguagem pela PUC-Rio
- ² Doutoranda em Letras – Estudos da Linguagem pela PUC-Rio

- ³ Tomarei a notação **La, Lb, Lc ... Ln** para o presente trabalho por entender que a notação L1 e L2 sugere, na maioria das vezes, tratar-se de primeira língua (L1) e segunda língua ou língua estrangeira (L2) o que não faz diferença aqui.
- ⁴ Por “estágios” quero dizer “fases”, “*períodos/momentos/etapas da vida*”. Essa observação é relevante, pois quero evitar que esse conceito se confunda com a idéia de “*nível*” ou “*grau*” que se referem às medidas de bilinguagem (SALGADO, 2008).

REFERÊNCIAS

- BAKER, C. *Foundations of bilingual education and bilingualism*. Clevedon, England: Multilingual Matters, 1993 [2006, 4th edition]
- DE HOUWER, A. *An introduction to bilingual development*. Bristol: Multilingual Matters, 2009.
- FISHMAN, J. A. *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, 1968.
- GARCIA, O. *Bilingual education in the 21st century: a global perspective*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- GROSJEAN, F. *Life with two languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HAMERS, J.; BLANC, M. *Bilingualism and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989 [2000, 2nd edition].
- HEYER, J. *Linguísticas – Panorama de Linguística Contemporânea: Resumos das principais áreas de pesquisa*. Apostilas, PUC-Rio, 2001.
- _____. Considerações sobre bilinguismo e bilinguagem: revisão de uma questão. *Revista paLavra*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v 11, 2003, p.p. 30-38.
- HYMES, D. Models of the interaction of language and social life. IN: GUMPERZ, J.J.; HYMES, D. (eds.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Rinehart and Winston, 1972, p.p. 35-37
- KELLY, L. G. *Description and measurement of bilingualism: an international seminar*. Toronto: University of Toronto Press, 1969
- MACKEY, W. F. The description of bilingualism. IN: FISHMAN, J. A. (ed.) *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, 1968, p.p. 555-584.
- MYERS-SCOTTON, C. *Multiple voices: an introduction to bilingualism*. Oxford: Blackwell, 2006.
- ROMAINE, S. *Bilingualism*. London: Blackwell, 2ed, 1995.
- SALGADO, A. C. P. *Medidas de bilinguagem: uma proposta*. PUC-Rio, Tese de Doutorado em Letras, Rio de Janeiro, 2008.

SAVEDRA, M. M.G. Bilinguismo e bilingualidade: o tempo passado no discurso em Língua Portuguesa e Língua Alemã. UFRJ, Faculdade de Letras, Tese de Doutorado, 1994.